



COMPORTAMENTALISMO RADICAL: ATIVIDADE E COMPORTAMENTO

Christian Silva dos Reis (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Carolina Laurenti (Orientadora), Carlos Eduardo Lopes (Co-orientador), e-mail: csreis_br@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas, Psicologia.

Palavras-chave: atividade, comportamento operante, comportamentalismo radical

Resumo:

A perspectiva tradicional da noção de *atividade* é subsidiária do pensamento causal. O comportamentalismo radical de Skinner, por sua vez, critica a ideia de um agente iniciador, ou homem autônomo, representante do conceito tradicional de *atividade*. Essa crítica deu ensejo a interpretações de que a filosofia comportamentalista defenderia um indivíduo passivo, relegado às determinações ambientais. O objetivo deste trabalho foi verificar a possibilidade de uma acepção de *atividade* na filosofia comportamentalista radical. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza conceitual, dividida em três etapas. Na primeira foram investigadas as críticas skinnerianas a explicações comportamentais que subscrevem a noção tradicional de *atividade*: o mentalismo, o ambientalismo e o fisicalismo fisiológico. Em um segundo momento, foram analisadas definições de comportamento para averiguar se seriam compatíveis com alguma acepção de *atividade*: comportamento como relação; instância ou ação; classe; e probabilidade ou repertório. A terceira e última etapa mostrou, de um lado, que as diferentes acepções de comportamento podem ser compatíveis com uma noção de *atividade*, entendida como a possibilidade de transformação do mundo a partir da produção de consequências. Por outro lado, o fato de o comportamento ser afetado (controlado) pelas próprias mudanças que produz parece ser consistente com uma noção de passividade. Uma vez que seria contraditório afirmar, ao mesmo tempo, que o comportamento seria ativo e passivo, conclui-se que a dualidade presente nas explicações





tradicionais afeitas às noções de *atividade* ou passividade não são capazes de esclarecer a perspectiva relacional de explicação do comportamento da filosofia de Skinner.

Introdução

A noção de *atividade* é tradicionalmente definida pela ideia de causa (FERRATER MORA, 2004). Skinner (1971), por sua vez, critica a explicação comportamental subsidiada por uma instância causal, sendo a ideia de homem autônomo a melhor representante dessa perspectiva (SKINNER, 1971). No entanto, as críticas skinnerianas direcionadas ao pensamento causal foram interpretadas como uma defesa de um indivíduo passivo que, por não ser causa primeira, fica à mercê de determinações ambientais (CARRARA, 2005). Assim, o objetivo deste trabalho foi verificar a possibilidade de uma acepção de *atividade* na filosofia comportamentalista radical.

Materiais e métodos

Foi desenvolvida uma pesquisa de natureza conceitual, dividida em três etapas. Primeiramente, foram buscadas, nos índices remissivos de 19 livros da obra skinneriana, as seguintes palavras-chaves: *Act, action, activity, agency, autonomous man, doer, doing, intention, man, self e the initiating self*. Em seguida, no âmbito desta mesma etapa, foram localizados e transcritos, em uma tabela, os trechos que continham as referidas palavras-chave visando ampliar a compreensão do posicionamento do autor sobre a temática. A segunda etapa consistiu na sistematização do material encontrado a partir da definição de tese tradicional, crítica e tese alternativa proposta pelo *método de análise conceitual-estrutural* de Lopes e Laurenti (2010). Na terceira e última etapa, por sua vez, foram elaboradas categorias temáticas, que foram posteriormente descritas e discutidas na forma de um texto.

Resultados e Discussão

A posição skinneriana em relação ao pensamento causal é bem representada por suas críticas a três doutrinas partidárias da noção tradicional de *atividade*. A primeira delas, o mentalismo, pressupõe uma substância interna e não física (a mente) como causa dos comportamentos,





sendo esses sintomas dela. O conceito que melhor exemplifica a posição mentalista é o de *homem autônomo*. Segundo Skinner (1971), tal conceito subscreve a tese de que o indivíduo controlaria e tomaria as decisões a respeito de suas ações, independentemente do mundo que o cerca. Na segunda doutrina examinada, o fisicalismo fisiológico, a *atividade* (ou seja, a causa) localizar-se-ia no aparato fisiológico dos organismos, ou, mais especificamente, no cérebro. A terceira, o ambientalismo, não localiza o início dos comportamentos no interior do indivíduo, mas no ambiente, que passa a ser esclarecido pela noção de estímulo eliciador.

Constatou-se que a acepção tradicional da *atividade* instaura uma dualidade entre o fenômeno comportamental e a *atividade*: a noção de atividade seria esclarecida pela noção de uma causa que daria início ao comportamento (efeito). No entanto, a posição skinneriana considera o comportamento como objeto de estudo em seu próprio domínio, explicando-o sem recorrer a outras variáveis que ultrapassem o escopo comportamental. Assim, foram investigadas definições de comportamento presentes na obra skinneriana, a fim de verificar se seriam compatíveis com alguma acepção de *atividade* ou passividade.

Em uma primeira acepção, o comportamento é definido como sendo a relação de influência recíproca entre indivíduo e mundo (SKINNER, 1971). Neste sentido, é possível identificar dimensões de *atividade* e passividade no comportamento compreendido como relação, na medida em que indivíduos influenciam o mundo (*atividade*), sendo também situados nele e por ele influenciados (*passividade*).

Outra acepção de comportamento, o comportamento operante, tem, ao menos, três usos no texto skinneriano: instância ou ação, classe de ações, e probabilidade ou repertório comportamental. O operante entendido como instância já subsidia uma noção de *atividade* na medida que é uma ação que *opera*, modifica o mundo em que ocorre. Há nela, no entanto, uma dimensão de passividade, pois a própria ação sofre os efeitos da alteração que produziu no mundo. Um conjunto de ações com similaridade funcional é definido como classe. Nesse sentido, a classe de ações sustenta a ideia de *atividade*, visto que representa a produção de consequências com similaridade funcional. Por outro lado, também se constata passividade, pois a própria classe de ações é afetada e definida pelas consequências que produziu.

Finalmente, a noção de probabilidade ou repertório representa uma tendência a agir de determinada maneira estabelecida pelas consequências operadas no mundo. Com a noção de repertório verbal, em especial, o *self*,





amplia-se a noção de atividade: com o comportamento verbal o indivíduo não apenas controla (influencia) o mundo social, mas se torna capaz de controlar a si mesmo (autocontrole). Contudo, a possibilidade de transformar a si mesmo não é descontextualizada da relação com o mundo, pois a própria mudança de si passa pela mudança do mundo.

Conclusões

As diferentes acepções de comportamento podem ser compatíveis com uma noção de *atividade*, entendida como a possibilidade de transformação do mundo (e de si mesmo) pela produção de consequências. Por outro lado, o fato de o comportamento ser afetado (controlado) pelas próprias mudanças que produz parece ser consistente com uma noção de passividade. Uma vez que seria contraditório afirmar, ao mesmo tempo, que o comportamento seria ativo e passivo, conclui-se que a dualidade presente nas explicações tradicionais afeitas às noções de *atividade* ou passividade não são capazes de esclarecer a perspectiva relacional de explicação do comportamento da filosofia de Skinner. Relacional, pois não há uma dimensão ativa ou passiva, seja ambiental ou individual e, sim, uma relação indissociável entre indivíduo e mundo.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação Araucária o apoio financeiro.

Referências

CARRARA, Kester. Crítica e metacrítica: temáticas e contextos relevantes. In: _____ **Behaviorismo radical: crítica e metacrítica**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. cap. 6, p. 147-362.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LAURENTI, Carolina; LOPES, Carlos Eduardo. **Método de análise conceitual-estrutural**. Maringá: UEM/DPI, 2010. 3 p.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Beyond freedom and dignity**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 1971.

